

JANETE DE AGUIRRE BERVIQUE

A ADOLESCÊNCIA VISTA POR ADULTOS E POR ADOLESCENTES. ESTUDO EM
UMA AMOSTRA NA CIDADE DE BAURU - SP

Garça - SP

Fevereiro/2004

JANETE DE AGUIRRE BERVIQUE

A ADOLESCÊNCIA VISTA POR ADULTOS E POR ADOLESCENTES. ESTUDO EM
UMA AMOSTRA NA CIDADE DE BAURU

*ACEG – Associação Cultural e
Educativa de Garça.*

*FASU – Faculdade de Saúde
Curso de Psicologia.*

Garça – SP

Fevereiro/2004

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE

SUMMARY AND KEY WORDS

1. INTRODUÇÃO.....	01
PROPOSIÇÃO.....	05
- Precisoões Terminológicas.....	06
METODOLOGIA.....	07
- População – alvo.....	08
- Amostra	08
- Coleta de Dados.....	10
- Tratamento dos Dados.....	11
2. COMO ADULTOS E ADOLESCENTES VÊEM A ADOLESCÊNCIA.....	11
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35
ANEXO – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	37

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Distribuição dos representantes da amostra, nas categorias “adultos” e “adolescentes”, por idade, sexo e escolaridade.....	09
QUADRO 02 – Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a dificuldade atribuída à adolescência.....	12
QUADRO 03 – Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a problemática do adolescente atual em relação ao de épocas anteriores.....	13

QUADRO 04 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre os fatores que dificultam o relacionamento do adolescente com os pais.....	15
QUADRO 05 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes quanto aos estudos do adolescente.....	16
QUADRO 06 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a questão do trabalho do adolescente.....	18
QUADRO 07 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre o problema da superproteção ao filho adolescente.....	20
QUADRO 08 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes a respeito de pais que se colocam como modelo de perfeição para o filho adolescente.....	22
<i>QUADRO 09 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a atitude dos pais que, atualmente, têm filhos adolescentes.....</i>	<i>24</i>
QUADRO 10 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a concepção que têm do adolescente.....	26
QUADRO 11 - Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre o que mais deixa o adolescente chateado.....	28

A ADOLESCÊNCIA VISTA POR ADULTOS E POR ADOLESCENTES. ESTUDO EM UMA AMOSTRA NA CIDADE DE BAURU - SP

JANETE DE AGUIRRE BERVIQUE*

1. INTRODUÇÃO

Por considerar a ADOLESCÊNCIA uma fase decisiva para a conquista da “personalidade madura” (MASLOW, 1962), escolhi para iniciar este trabalho uma frase de Demian, personagem da obra com o mesmo nome, de Herman HESSE (apud RODRIGUES, 1976, p. 105).

“Eu quero apenas tentar viver aquilo que brota espontaneamente de mim. Por que isso me é tão difícil?”

Vários são os autores que têm estudado e pesquisado a adolescência, porém, a importância a ela atribuída para a vida futura do indivíduo começa a ficar mais explícita a partir dos anos 60, quando aqueles estudos e pesquisas começaram a se multiplicar, e o adolescente começou a ser visto por uma perspectiva diferente da usual até então, mais voltada para a dimensão endocrinofisiológica.

RODRIGUES (1976, p. 107) considera que se a infância é a idade das mil e uma alegrias e surpresas, a adolescência é a idade das mil e uma dúvidas e contradições; que se a infância é “movimento”, a adolescência é “revolução”.

Ainda, em se referindo às mudanças no psiquismo do adolescente (p. 123), chama a atenção para o fato de que a vontade de viver, a necessidade de auto-afirmação, o desejo de independência e o gosto pelo poder revolucionam a adolescência de modo profundo; a família já não o satisfaz como antes, e ele percebe problemas e desajustes no lar; ele questiona a infalibilidade dos pais, contesta a autoridade dos mesmos e reivindica o seu direito a ter uma vida própria.

Por estas razões, a palavra “crise” está sempre relacionada à palavra “adolescência”. Neste sentido, ERIKSON (apud ELKIND, 1978, p. 3) esclarece que a expressão “crise de identidade” significa, especialmente, o período de tensão íntima da adolescência, relacionado aos processos maturacionais que ocorrem no adolescente. ELKIND (1978, p. 8) salienta que ele amadurece tanto fisiológica como mentalmente e que, além de sentimentos, sensações e desejos novos que experimenta, em decorrência de modificações orgânicas, desenvolve, também, um sem número de maneiras de entender o mundo e de pensar a respeito do mesmo. ELKIND diz ainda que, entre outras coisas, o adolescente é capaz de imaginar a respeito de como pensam as outras pessoas e de fazer conjecturas sobre o que essas pessoas pensam a respeito dele.

• Docente do Curso de Psicologia da FASU – Faculdade de Saúde, da ACEG – Associação Cultural e Educacional de Garça – SP.

FURTER (apud RODRIGUES, 1976, p. 105) diz textualmente, que:

“A adolescência não representa mais o momento da vida em que o indivíduo pode ser orientado para adquirir uma consciência ética: tornou-se um grupo marginal, definido sociologicamente como um espaço que, por bem ou mal, deve ser integrado na sociedade para que melhor se possa controlá-lo”.

Ainda, afirma FURTER que, nessa idade, a imperiosa necessidade de auto-afirmação dá origem a comportamentos excêntricos e motiva o surgimento de uma verdadeira crise de originalidade; esta se deflagra em razão da profunda dificuldade que o adolescente sente em distinguir o seu “eu” mais profundo do seu “eu” superficial.

HAVIGHURST (1962, p. 68), em se referindo às tarefas a serem desempenhadas na adolescência, visando a atingir a maturidade, considera as quatro seguintes: alcançar relações novas e mais maduras com companheiros de ambos os sexos; alcançar independência emocional em relação aos pais e a outros adultos; desejar e alcançar comportamento social responsável; e a adquirir uma escala de valores que lhe norteie a vida. As duas últimas é que tornam, realmente, o adolescente maduro e apto a alcançar a responsabilidade da vida adulta. Considerando a seqüência das tarefas específicas propostas por HAVIGHURST, nota-se que elas vão aumentando em complexidade, o que acompanha o avançar da idade do adolescente e a conquista de maior maturidade.

ELKIND (1978, p. 9) considera que o adolescente pode imaginar famílias, religiões e sociedades ideais, e compará-las com as famílias, religiões e sociedades imperfeitas de sua própria experiência; que ele se torna capaz de construir, ou adotar, teorias e filosofias que sintetizam num todo harmônico todos os aspectos conflitantes da sociedade; por fim, que ele é um idealista impaciente que crê que realizar um ideal seja tão fácil como imaginá-lo.

O adolescente tem um intenso desejo de modificar a ordem social e os aspectos negativos do mundo, mas permeando esse desejo está o medo de fracassar, e de ser alvo da censura e da crítica do adulto. Nesse sentido, HÜRLOCK (1967, p. 96) considera que a timidez e a facilidade com que o adolescente se sente embaraçado frente a certas situações, são formas comuns de comportamento nessa idade, que aparecem em consequência do temor de fracassar nas relações sociais.

Esse medo de fracassar resulta, sem dúvida, da multiplicidade e variedade de exigências a que a sociedade adulta contemporânea submete o adolescente, o que não constitui um fenômeno universal na adolescência. MOSS (1969, p. 171), a partir de um estudo sobre a obra da antropóloga Margareth MEAD, chama a atenção para o fato de que a chamada “crise da adolescência” não está registrada na história de vários povos, sobretudo os considerados primitivos. Nessas sociedades, o jovem não se depara com uma enorme diversidade de solicitações comportamentais, educacionais e profissionais, como nas sociedades contemporâneas. Naquelas sociedades os valores não são contraditórios e o jovem participa, naturalmente, da vida daqueles grupos, sendo reconhecido pela coletividade como uma individualidade rica e socialmente eficaz.

Contudo, nas sociedades contemporâneas, o adolescente, que vem sendo submetido aos mais variados tipos de pressões e de exigências, reage de diferentes maneiras, sendo a fuga e a rebelião as mais freqüentes, ao lado de outras como apelo às drogas e a promiscuidade sexual, o que tem gerado estereótipos e atitudes negativas na geração adulta em relação à adolescência; estas são, em grande parte, transmitidas ao adolescente e este, até certo ponto, se vê como o adulto o vê. É necessário ressaltar, neste ponto, a importância de que os adultos considerem que o adolescente existe não para repetir um modelo ou um estilo de vida, só porque eles, os adultos, o consideram bom ou não conhecem outro; pois, segundo FROMM (1963, p. 8), o homem é uma entidade original, não idêntica a nenhuma outra; ele é, ao mesmo tempo, sozinho e relacionado com outros. Portanto, ele não está no mundo para reproduzir modelos e desenvolver o “conformismo” e o “totalitarismo” (FRANKL, in MILLON, 1979, p. 153) como atributos centrais do seu comportamento, mas para ser o único, individualmente, e nas suas relações com os outros.

PROPOSIÇÃO

A fim de que possa ser mantida uma linha mestra na realização deste trabalho e resistir à tendência de derivar para outros aspectos interessantes que, inevitavelmente, irão surgindo durante o desenvolvimento do mesmo, me proponho a:

- levantar os pontos de intersecção entre as maneiras como o adulto e como o adolescente vêem a adolescência;
- identificar estereótipos na maneira como o adulto vê a adolescência e constatar até que ponto esses estereótipos são transmitidos ao próprio adolescente pelo adulto;
- constatar a existência de atitudes e opiniões, negativas e positivas, do adulto e do próprio adolescente sobre a adolescência;
- e, finalmente, verificar até que ponto o adolescente está fazendo uma tentativa de se libertar das pressões do adulto e até que ponto este está consentindo, ou possibilitando, essa libertação.

Para que essa proposição expresse com clareza o meu propósito, considero necessário definir alguns termos que julgo essenciais à compreensão do que decidi realizar.

Precisões Terminológicas

ADOLESCÊNCIA: “Período da vida humana entre a puberdade e a virilidade (dos 14 aos 25 anos). Período que se estende da terceira infância até a idade adulta, caracterizado psicologicamente por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto-afirmação. Corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social” (HOLANDA FERREIRA, s. d., p. 39).

“Período del desarrollo humano entre el comienzo de la puberidad y la llegada a la adultez” (DREVER, 1975, p. 11).

ADOLESCENTE: “Pessoa que está na adolescência” (HOLLANDA FERREIRA, loc. cit.).

ADULTO: “Que chegou ao uso da razão ou à idade vigorosa. Diz-se do indivíduo que atingiu plena maturidade, expressa em termos de adequada

integração social e adequado controle das funções intelectuais e emocionais” (Id., *ibid.*, p. 41).

PONTOS DE INTERSECÇÃO: Pontos ou aspectos comuns a duas ou mais situações ou posições.

ESTEREÓTIPO: “Uma generalização não objetiva, geralmente a respeito de um grupo social ou nacional, segundo a qual os indivíduos recebem traços falsos, que não possuem. Assim, uma pessoa pode ter uma concepção estereotipada de..., o que deforma a sua percepção de qualquer...” (HILGARD e ATKINSON, 1979, p. 627).

ATITUDE: “Uma atitude pode ser descrita como uma orientação favorável ou desfavorável com relação a certo objeto, conceito ou situação, e uma prontidão para responder de maneira pré-determinada a esses objetos, conceitos ou acontecimentos, ou objetos afins” (Id., *ibid.*, p. 597).

OPINIÕES: “As opiniões referem-se a expectativas ou predições a respeito das conseqüências de certos cursos de ação; embora as atitudes possam ser, em alguns casos, inconscientes, as opiniões são sempre conscientes e podem ser traduzidas em palavras” (Id., *loc. cit.*).

Definidos os termos julgados essenciais à compreensão clara de minha proposição, passarei à abordagem da metodologia que possibilitou a consecução deste trabalho.

Antes, porém, quero salientar que o referencial teórico escolhido como suporte a esta investigação é constituído por obras da literatura psicológica clássica, pela sua contemporaneidade. A minha intenção é resgatá-las e trazê-las de volta ao uso nos cursos de Psicologia, por terem sido precocemente abandonadas e descartadas, por força da explosão bibliográfica recente nesta área e de modismos literários, em detrimento da formação científica e humana consistente do Psicólogo. Quero lembrar, também, que a Psicologia no Brasil tem pouco mais de 40 anos.

METODOLOGIA

Nesta parte, serão abordados, no que for necessário, aspectos metodológicos referentes à população-alvo e à amostra, à coleta de dados e ao tratamento dado aos mesmos.

População-alvo

A população-alvo foi definida em termos de duas categorias: a de adultos e a de adolescentes.

Para a categoria “adultos” foram estabelecidos os seguintes quesitos: pessoas de ambos os sexos, a partir de 30 anos e portadoras de escolaridade em nível superior (concluída ou não). Para a categoria “adolescentes”: pessoas de ambos os sexos, de 14 a 25 anos de idade, freqüentando escolas de ensino fundamental, médio e superior. E para ambas as categorias: pessoas residentes, permanente ou temporariamente, na cidade de Bauru.

Amostra

Definidos os quesitos para ambas as categorias – “adultos” e “adolescentes” – a amostra foi escolhida aleatoriamente, ficando estabelecido que o total de representantes para cada categoria seria 200 (duzentos). Para a categoria “adultos”,

os representantes deveriam ser estudantes de curso superior e pessoas da comunidade que já o tivessem concluído; e para a categoria “adolescentes”, os representantes deveriam ser estudantes de ensino fundamental, médio e superior, da rede de ensino estadual, municipal e particular, da cidade de Bauru.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA AMOSTRA

QUADRO N° 01 – Distribuição dos representantes da amostra, nas categorias “adultos” e “adolescentes”, por idade, sexo e escolaridade.

CATEGORIAS		ADULTOS								ADOLESCENTES							
IDADE SEXO	ESCOLARIDADE	30 ↔34		35 ↔39		40 →		TOTAL		14 ↔17		18 ↔21		22 ↔25		TOTAL	
		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Ens.		-	-	-	-	-	-	-	-	10	11	3	2	-	-	13	13
Ens. Médio		-	-	-	-	-	-	-	-	15	17	39	24	4	5	58	46
Ens. Superior		69	78	19	22	7	5	95	105	-	-	20	15	12	23	32	38
TOTAIS		69	78	19	22	7	5	95	105	25	28	62	41	16	28	103	97

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Considerando as características gerais da amostra, expressa no Quadro nº 01, nota-se, que na categoria “adultos”, a maior frequência está concentrada no intervalo de 30 a 34 anos de idade, predominando os representantes do sexo feminino; no total da categoria essa predominância do sexo feminino é mantida. Na categoria “adolescentes”, a maior concentração está no intervalo de 18 a 21 anos de idade, freqüentando escola de ensino médio, predominando os representantes do sexo masculino, predominância que é mantida no total da categoria.

Coleta de Dados

Os dados foram coletados através da aplicação de questionário, com 10 questões do tipo fechado, implicando, cada uma, quatro opções de respostas (a, b, c e d).

Devido ao conteúdo da proposição deste trabalho, o mesmo questionário foi aplicado às duas categorias da amostra: “adultos” e “adolescentes”.

A testagem do referido instrumento de coleta de dados, apresentado em sua forma final em ANEXO foi realizada com 05 adultos e 05 adolescentes, que não fizeram parte das duas categorias de respondentes, quando da coleta de dados.

Os questionários foram aplicados por alunos da disciplina de Psicologia da Educação I – II, das licenciaturas de Matemática e Física da Faculdade de Ciências, da UNESP, Bauru-SP, sob minha regência, no 1º e 2º semestres de 1997 e 1998. Previamente, os dois grupos de aplicadores receberam orientação quanto ao uso daquele instrumento e quanto aos esclarecimentos necessários aos respondentes das duas categorias. Entretanto, com a antecipação de minha aposentadoria, ao final de 1998, os dados levantados pelos alunos através do questionário, foram arquivados e só retomados por mim no início deste ano de 2004.

Tratamento dos dados

Tabulados os dados coletados, foram os mesmos analisados e distribuídos numa seqüência de 10 quadros de distribuição de frequência, que incluiu, também, os percentuais pertinentes.

Cada um dos quadros teve a sua distribuição de frequência orientada pela pergunta com as respectivas opções de resposta, constantes do instrumento usado para coleta de dados. Ainda, cada quadro incluiu os dados referentes às duas categorias de respondentes – “adultos” e “adolescentes” – com o objetivo de possibilitar a discussão dos resultados, considerando a proposição inicial, e de se poder estabelecer de imediato, com a simples leitura do mesmo, um confronto entre as posições daquelas categorias à problemática enfocada.

2. COMO ADULTOS E ADOLESCENTES VÊM A ADOLESCÊNCIA

A análise dos dados obtidos através da aplicação do questionário evidenciou os resultados que serão apresentados através dos quadros e que serão objeto de discussão subsequente à apresentação de cada um. Esses resultados refletem as concepções, estereótipos, atitudes e opiniões, de adultos e adolescentes em relação à adolescência, que poderão ser constatados acompanhando a apresentação e a discussão dos mesmos.

QUADRO Nº 02 – Distribuição das respostas de adultos e adolescentes sobre a dificuldade atribuída à adolescência.

OPÇÕES	QUESTÃO	CATEGORIAS			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	muito difícil	105	52.5	111	55.5
b	sem problemas	60	30.0	49	24.5
c	como outra qualquer	32	16.0	39	19.5
d	não tenho opinião formada	3	1.5	1	0.5
	TOTAIS	200	100.0	200	100.0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Os resultados expressos no Quadro nº 02 tornam evidente que adultos e adolescentes concordam que a adolescência é uma fase de vida muito difícil, eis que a maioria se pronunciou nesse sentido.

Sabe-se que todas as fases da vida humana têm suas características próprias, suas maneiras peculiares de responder às solicitações do meio ambiente, bem como, suas dificuldades específicas. Entretanto, é à adolescência que, via de regra, a maioria das pessoas atribui características que conotam maior dificuldade.

Esta posição, provavelmente, se deve tanto à existência de estereótipos, que deturpam a percepção da adolescência, como também à insuficiência de conhecimentos sobre a mesma, por adultos e adolescentes, eis que a maioria se atém aos aspectos superficiais característicos da idade – transformações exteriores visíveis – sem penetrar em seus aspectos mais profundos.

Os resultados do Quadro nº 03 evidenciam as divergências entre os adultos e os adolescentes, quanto à questão colocada. Os primeiros julgam que o adolescente de hoje é mais problemático que o de épocas anteriores, enquanto que os segundos o julgam tão problemático quanto de épocas anteriores.

Quando se discute uma questão dessa natureza, há de se considerar que os problemas da adolescência sempre existiram em sociedades consideradas civilizadas, num dado momento histórico; que as transformações fisiopsíquicas são decorrentes de processos maturacionais naturais e acontecem com todos os adolescentes, em qualquer época, como também em qualquer lugar; que a adolescência que, antes, era quase despercebida, hoje não o é, graças à atenção maior que a Psicologia veio dando a essa fase, a partir da década de 50 e, então, aqueles problemas que não eram considerados, ou até era dissimulados, hoje o são; e que a adolescência contemporânea está sob a mira contínua dos meios de comunicação em massa, o que tem contribuído para que os adultos atribuam mais problemas ao adolescente de hoje.

QUADRO Nº 03 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre a problemática do adolescente atual em relação ao de épocas anteriores.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	mais problemático que o de épocas anteriores.	112	56,0	25	12,5
b	menos problemático que o de épocas anteriores.	60	30,0	60	30,0
c	tão problemático quanto o de épocas anteriores.	26	13,0	107	53,5
d	não tenho opinião formada	2	1,0	8	4,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

A posição dos adolescentes em relação à própria problemática parece ser indicador de um caminhar dessa categoria para uma situação de melhor ajustamento, pois, conforme HILGARD e ATKINSON (1976, p. 526), a pessoa bem ajustada tem consciência de seus motivos e sentimentos, avalia com muita precisão suas capacidades e seus defeitos, e nem superestima nem subestima, grosseiramente, o que é capaz de fazer.

A maioria dos adolescentes que se considerou tão problemática quanto aos seus pares de épocas anteriores, poderia ter mistificado e optado pelo “menos problemático”, mas não o fez. Considero tal postura um indicador de maior auto-conhecimento e de um melhor nível de auto-aceitação, condições essenciais para conquista de uma personalidade sadia ou madura, na concepção de MASLOW (1962).

A distribuição que consta no Quadro nº 04 revela posições divergentes entre adultos e adolescentes, quanto ao que mais dificulta a relação do adolescente com os pais. A maioria dos adultos tende a culpar o adolescente por essa dificuldade, colocando como causa a rebeldia do mesmo; os adolescentes, por sua vez, tendem a defender-se, alegando como causa da dificuldade a falta de compreensão dos pais para com as suas necessidades.

As três distribuições de resultados (Quadros nº 02, 03 e 04), até aqui discutidas, vêm evidenciando atitudes e opiniões negativas do adulto em relação ao adolescente, e uma percepção estereotipada da problemática que envolve o mesmo. Contudo, no Quadro nº 04, os resultados mostram que uma boa parte dos representantes da categoria “adultos” está “do lado do adolescente”, compactuando com ele na posição de que a falta de compreensão das necessidades do adolescente é o fator que mais dificulta o relacionamento deste com os pais.

QUADRO N° 04 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre os fatores que dificultam o relacionamento do adolescente com os pais.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	3- O que mais dificulta o relacionamento do adolescente com os pais é: a atitude autoritária dos pais.	12	6,0	40	20
b	a falta de compreensão para com as necessidades do adolescentes.	75	37,5	158	74,0
c	as atitudes de rebeldia do adolescente.	110	55,0	9	4,5
d	os pais desejarem fazer escolhas pelo adolescente.	3	1,5	3	1,5
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

QUADRO N° 05 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes quanto aos estudos do adolescente.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	4- Com referência aos estudos, o adolescente deve: fazer a escolha de cursos, segundo seus interesses e aptidões.	66	33,0	135	67,5
b	seguir a tradição profissional da família.	6	3,0	0	0
c	seguir a orientação dos pais, pois estes já possuem experiência de vida.	34	17,0	3	1,5
d	escolher um curso que lhe garanta, futuramente, seu sucesso financeiro.	94	47,0	62	31,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Os resultados apresentados no Quadro nº 05 são indicadores de que os adultos pensam em estudos para o adolescente apoiados na Filosofia do “Ter”, enquanto que para a maioria dos adolescentes, o apoio é a Filosofia do “Ser”. Para os adultos, o importante é a garantia futura do sucesso financeiro; para os adolescentes, o que mais importa é escolher um curso que vá ao encontro de seus interesses e aptidões.

Ao que me parece, os adultos, já condicionados pelos imperativos da sociedade consumista, respondem mais em termos do princípio da eficiência e produção máximas (FROMM, s. d., p. 47), visando a melhores salários e a maiores lucros, do que em termos dos seus próprios anseios. Por outro lado, os adolescentes, apesar de, em grande parte, viverem uma vida afluenta, não estando profundamente contaminados, como os adultos, pela atual ideologia do “Salve-se-quem-puder”, ainda crêem na possibilidade de um trabalho significativo, que possibilite concretizar seus próprios interesses, e atualizar e expressar suas aptidões.

Como na questão anterior, cujos resultados foram expressos no Quadro nº 04, aqui, com relação aos estudos, já existe um número expressivo de adultos que concorda com os adolescentes, no sentido de que ele deve escolher seus cursos, consoante seus próprios interesses e aptidões. Será válido, por acaso, supor que esse contingente seria constituído por adultos que realizaram seus estudos motivados mais pela perspectiva de sucesso financeiro futuro, do que como resposta aos seus próprios interesses e aptidões, e que não se sentem realizados profissionalmente? Infelizmente, esta pesquisa não oferece dados para a resposta.

QUADRO Nº 06 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre a questão do trabalho do adolescente.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	deve ter uma ocupação remunerada, enquanto estuda.	12	6,0	14	7,0
b	não deve ter uma ocupação remunerada, enquanto estiver estudando.	9	4,5	6	3,0
c	deve trabalhar, se o seu tempo disponível o permitir.	98	49,0	108	54,0
d	deve trabalhar, se não estudar.	81	40,5	72	36,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Como se pode constatar pelos resultados do Quadro nº 06, a maior freqüência de respostas, tanto de adultos como de adolescentes, ficou em torno da

opção que o adolescente deve trabalhar, se o seu tempo disponível o permitir. Contudo, o conceito de tempo disponível é, essencialmente, subjetivo e a própria sociedade de consumo, continuamente, cria novos atrativos que solicitam o adolescente, acabando por deixá-lo sem nenhum. Isto sem falar na “teledependência”, na “videodependência” e na “Internetdependência”, que acabam por consumir o seu possível tempo disponível; e, também, na necessidade de fazer outras atividades para “ficar numa boa”, imposta pelo próprio grupo jovem: violão, judô, jiu-jitsu, do-in, dieta natural, yoga, “street dance”, capoeira e mais um sem número de modismos que se vão com a mesma rapidez com que vêm.

A questão do trabalho do adolescente deve ser encarada com mais seriedade pelos pais e pelos adultos em geral. Segundo SHEEHY (1979, p. 96), que, devido à importância da afirmação, transcrevo textualmente:

“A maioria dos teóricos concorda em que, mais do que qualquer coisa, é a experiência bem sucedida de trabalho que ajuda um jovem a resolver os conflitos da dependência e estabelecer uma identidade independente. Mas enquanto os rapazes têm sido estimulados a dar a máxima prioridade à procura de uma ocupação para sua vida, a sociedade espera que as moças se contentem com um sentido de identidade contrabandeado de seu papel sexual, e que se ajustem a ele”.

Também, ERIKSON (apud SHEEHY, 1979, p. 104) sugere que, “em geral, é a impossibilidade de fixar-se numa identidade ocupacional que mais perturba os jovens”. Por sua vez, SCHAFFER (apud SHEEHY, loc. cit.) insiste que “as experiências ocupacionais confirmam a competência de uma pessoa são as mais importantes, mais importantes ainda do que encontrar um papel no grupo, um papel sexual ou uma visão do mundo”.

Devido à importância que a questão do trabalho do adolescente assume para a sua vida futura, ao tratar da mesma se deve, no mínimo, considerar: que é necessário estabelecer com o adolescente o que será considerado tempo disponível; que o trabalho a ser por ele realizado seja adequado às suas necessidades de auto-afirmação; que lhe garanta, pelo menos, alguma independência econômica; e que implique, pelo menos, alguma necessidade de ele obter novos conhecimentos e desenvolver novas habilidades.

Os resultados expressos no Quadro nº 07 revelam concordância entre adultos e adolescentes quanto à questão da superproteção dos pais ao filho adolescente, denunciando-a como prejudicial, e como fonte geradora de dependência e de insegurança. Entretanto, é significativo, também, o número de representantes da categoria “adultos” que a julgam benéfica, sob a alegação de que torna o adolescente seguro de si. Mas é significativo, também, o número de adolescentes que a consideram uma atitude de descrença dos pais na possibilidade de o filho agir por si.

Não considero, aqui, a superproteção apenas sob as formas mais comuns pelas quais é entendida pela maioria dos adultos, tais sejam: a forma dativa material, que confere ao adolescente a ilusão de que “tem tudo”, e a forma asséptica moral, que confere aos pais a ilusão de que o filho está imunizado contra todos os perigos e males deste “mundo cruel”.

QUADRO Nº 07 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre o problema superproteção ao filho adolescente.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	benéfica, pois torna o adolescente seguro de si.	53	26,5	5	2,5
b	prejudicial, gerando a dependência e a insegurança.	139	69,5	158	79,0
c	uma atitude de pais inseguros, perante os problemas do dia - a - dia.	3	1,5	15	7,5
d	uma atitude de descrença nas possibilidades do filho agir por si.	5	2,5	22	11,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

A superproteção a que me refiro, se estende a todas as formas de opressão, a todos os comportamentos paternos, que, repetindo a política social integracionista, violam o primeiro “Direito Humano Afirmativo” (SMITH, 1977, p. 55) – “Você tem o direito de julgar seu próprio comportamento, pensamentos e emoções, e assumir a responsabilidade por seu início e conseqüência sobre você mesmo” – que como os demais direitos que constam do rol apresentado pelo autor (ao todo dez), se originam do conceito básico: “Você é o seu próprio e definitivo juiz”. Contudo, a nossa criança chega à adolescência (e até à vida adulta) sem ter tido chance de desenvolver-se nesse sentido, devido às múltiplas pressões sociais, familiares e educacionais que vem sofrendo, desde o seu nascimento. E o resultado desse processo foi constatado por EMEDIATO (1982, p. 97 e 98), em pesquisa realizada com adolescentes de várias capitais brasileiras, segundo a qual o jovem brasileiro não possui um discurso coerente, mal sabe usar o seu parco vocabulário, como também, não sabe pensar ou refletir. Essa constatação tem implicações muito sérias, pois o que caracteriza o oprimido, segundo SARTRE e Paulo FREIRE (apud ALVES, 1983, p. 63), é a sua incapacidade e medo de falar, posição essa com a qual compactua Maria Thereza Fraga ROCCO (apud EMEDIATO, 1982, p. 98):

Pelo exposto, permito-me concluir que a superproteção dos pais é altamente nociva e, no meu entender, a pior forma de rejeição; cria dependência, insegurança, é geradora de autoconceito negativo, de sentimento de incompetência e de

inadequação frente ao meio ambiente, e do “conformismo” e do “totalitarismo”, no sentido que Victor FRANKL (in MILLON, 1979, p. 153) atribui a essas palavras.

Na sua luta pela auto-afirmação, os adolescentes procuram, avidamente, em sua maioria, uma causa maior do que eles próprios, a serviço da qual ser adulto possa ter sentido (SHEEHY, 1979, p. 84).

QUADRO N° 08 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes a respeito de pais que se colocam como modelo de perfeição para o filho adolescente.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	satisfação para o filho, pois este acredita que seus pais são perfeitos.	32	16,0	9	4,5
b	desconfiança, pois todo mundo sabe que ninguém é perfeito.	42	21,0	80	40,0
c	ansiedade no filho, que pode desejar ser tão perfeito quanto os pais.	78	39,0	23	11,5
d	falta de diálogo, devido à distância que há entre o perfeito e o imperfeito.	48	24,0	88	44,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Pode-se constatar, pelos resultados do Quadro n° 08, que houve maior concentração das respostas dos adultos, em torno da posição de que pais que se colocam como modelo de perfeição para o filho adolescente são fontes geradoras de ansiedade neste, que pode desejar ser tão perfeito quanto aqueles. Por outro lado, a maior frequência dos adolescentes ocorreu para a posição de que pais desse tipo são geradores de falta de diálogo, devido à distância que há entre o perfeito e o imperfeito.

A mim está parecendo que esses adultos estão admitindo que os pais são realmente perfeitos e que o filho sofre porque, mesmo colocando os pais como modelo de perfeição, se sentem impotentes para “chegar lá”. Isto acontece porque os adolescentes são vulneráveis, tanto ao carisma de um político que oferece uma cruzada, como ao de um charlatão que lhes promete a “infância eterna” (SHEEHY, 1979, p. 88); ainda, a autora considera que, estando os jovens ansiosos por receberem a marca de um ideal, é fácil para charlatões explorá-los, simplesmente, prometendo-lhes um destino novo, ou uma possibilidade de “acontecer” da noite para o dia. E, segundo o meu ponto de vista, pais que exploram emocionalmente os filhos não passam de charlatões. Por outro lado, e considerando a posição de maior

freqüência dos adolescentes, essa atitude perfeccionista dos pais produz um hiato, um muro intransponível entre eles e os filhos, pois nem estes nem aqueles encontram um ponto comum para iniciar o diálogo.

Ao lado dessas posições diferentes de adultos e adolescentes, o mesmo Quadro mostra que é significativo o número de representantes de ambas categorias que concorda que a atitude dos pais de se colocarem como perfeitos aos olhos do filho adolescente é geradora de desconfiança, pois sabe-se que ninguém é perfeito. E essa desconfiança, além de desconceituar os pais, gera a insegurança no filho, pois este perde a confiança em recorrer a eles no momento em que precisa de apoio.

O maior perigo, contudo, está adstrito à possibilidade de muitos adolescentes aceitarem e acreditarem nos pais como modelos de perfeição, pois, no momento em que for constatada a menor falha ou o menor deslize em seus “ídolos”, o mundo dos filhos se desmorona.

QUADRO Nº 09 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre a atitude dos pais que, atualmente, têm filhos adolescentes.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	dão muita atenção a todos os tipos de necessidades dos filhos.	87	43,5	12	6,0
b	omitem-se ao diálogo, alegando desejarem dar liberdade ao filho.	75	37,5	88	44,0
c	acham que respeitar o filho é satisfazer a todos os seus desejos.	27	13,5	52	26,0
d	acham que o filho tem mais deveres do que direitos.	11	5,5	48	24,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Os resultados do Quadro nº 09 evidenciam maior freqüência de respostas de adultos na consideração de que os pais que têm, atualmente, filhos adolescentes dão muita atenção a todos os tipos de necessidades destes. Por outro lado, os adolescentes se concentraram mais em torno da posição de que esses pais omitem-se ao diálogo, alegando desejar dar liberdade ao filho.

Ao meu ver, os adultos estão adotando uma atitude de defesa em relação à própria categoria, enquanto os adolescentes fazem uma acusação, com a qual concorda um número significativo de adultos, no sentido de que os pais se omitem ao diálogo, sob pretexto de dar maior liberdade ao filho.

É significativo, também, o número de adolescentes que responderam que os pais acham que satisfazer todas as necessidades do filho significa respeitá-lo, bem como daqueles que acham que o filho tem mais deveres do que direitos.

Os pais, via de regra, afirmam, do mesmo modo que afirmaram os respondentes adultos desta pesquisa, que estão muito preocupados com a satisfação de todas as necessidades do filho; mas, na realidade, essa preocupação só atinge as necessidades periféricas, pois, a maioria não tem conhecimento do mundo interior do adolescente, de seus anseios, de suas expectativas e de sua concepção valorativa sobre a realidade que o cerca.

Muitos pais alegam, também, que fizeram tudo pelos filhos, renunciando aos seus próprios interesses; que os trataram igualmente, sem fazer qualquer distinção entre uns e outros, mas que agora nem parecem irmãos; e acabam por apontar um deles como a “ovelha negra”. Isto acontece porque o adolescente acha detestável a “persona” considerada adequada a ele pelos pais e se rebela, tornando-se exatamente o oposto daquilo que eles desejam que ele seja, pois como afirma Robert W. WHITE (apud SHEEHY, 1979, p. 86):

“Quando não se suporta ser ovelha branca, é preferível ser ovelha negra a não ser ovelha nenhuma”.

A fuga do diálogo, sob a alegação de que querem conceder liberdade ao filho, pode ser reveladora do temor que os pais sentem de conhecerem a realidade vista do ângulo do adolescente, ou de sua ansiedade frente “a um perigo que ameaça a sua existência, ou um valor que eles identificam com a sua existência” (MAY, 1978, p. 34). Ou seja, os pais temem que seus filhos falem contra eles, ou lhes comuniquem algum problema grave; a maioria não admite que seus filhos possam ter problemas tão sérios como os dos filhos dos vizinhos – homossexualismo, gravidez antes do casamento, toxicomania, entre outros; enfim, eles temem o confronto de sua própria ótica de mundo com a do adolescente e, com isso, perdem a chance de conhecê-los – ao mundo e ao filho – sob uma nova dimensão.

Os resultados do Quadro nº 10 revelam que os respondentes da categoria “adultos” apresentam uma adequada concepção do adolescente – uma pessoa em desenvolvimento, com necessidades próprias à sua idade – se a mesma for considerada isolada do contexto desta pesquisa. Entretanto, no referido contexto, essa concepção é negada pelas respostas mais freqüentes às questões nºs 1, 2, 3 e 4, o que pode ser constatado voltando-se aos Quadros de nº 02, 03, 04 e 05, que revelam estereótipos na maneira como o adulto percebe a adolescência. Por outro lado, também, a maior concentração de freqüência das respostas dos adolescentes à questão nº 3, que se pode ser observada no Quadro nº 04, também nega a concepção dos adultos sobre o adolescente, expressa no Quadro nº 10, pois, naquele, eles acusam os pais de falta de compreensão para com as suas necessidades, sendo esta a principal causa alegada da dificuldade de relacionamento entre eles.

Este mesmo Quadro mostra que a categoria “adolescentes” percebe o adolescente como uma pessoa buscando o seu lugar no mundo e o excerto, a seguir, corrobora com esta posição.

“Deslumbrado com a própria identidade, da qual adquiriu, agora, plena consciência, o adolescente luta com paixão pela autonomia pessoal. Ele já não quer e já não pode mais ser o menininho ou a bonequinha da casa, origem, centro e fim de toda a vida familiar. Agora, ele aspira apenas ser uma das partes da família, separado, independente, responsável e dono único da própria vida. (...) Desejosos de conquistar o seu lugar no mundo, o rapaz e a moça se interrogam febril e incansavelmente sobre as origens e o destino da humanidade” (RODRIGUES, 1976, p. 107).

QUADRO Nº 10 – Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre a concepção que têm do adolescente.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	um imaturo, que quer passar por "gente grande".	2	1,0	0	0
b	um adulto de corpo e uma criança de espírito.	10	5,0	5	2,5
c	uma pessoa em desenvolvimento, com necessidades próprias à sua idade.	133	66,5	43	21,5
d	uma pessoa buscando o seu lugar no mundo.	55	27,5	152	76,0
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Enfim, buscando o seu lugar no mundo, ele tem necessidade de conhecer, de questionar, de ampliar seus horizontes; de viver experiências fora do estreito círculo familiar; de entregar-se a movimentos de caráter humanitário e de reivindicar a mudança da estrutura social estabelecida; e, também, de se isolar no seu modo pessoal e particular.

Os resultados do Quadro nº 11 permitem constatar, que a maioria dos representantes da categoria “adultos” considera que o que mais chateia o adolescente é ser considerado criança para algumas coisas e adulto para outras, concepção esta característica da sociedade ocidental contemporânea. Esta, ao contrário das que são consideradas primitivas e que reconhecem o jovem como uma individualidade rica, participante e socialmente eficaz, percebe o adolescente como uma criança grande, sem direito ao gozo das prerrogativas da vida infantil (porque é muito crescido) e da adulta (porque é muito criança), um “meio – termo” totalmente desacreditado, no que tange às suas reais possibilidades de ação (RODRIGUES, 1976, p. 137).

Por seu lado, a categoria “adolescentes” considerou que o que mais chateia os seus pares é que são considerados incapazes de tomar decisões, sendo esta a posição da grande maioria, pois o adolescente se atribui “um papel fundamental na

continuidade e reconstrução da sua sociedade” (Id., loc. cit.). Nesta posição, ele é apoiado por um número significativo de adultos, como se pode ser verificado no Quadro em pauta.

QUADRO N° 11– Distribuição das respostas de adultos e de adolescentes sobre o que mais deixa o adolescente chateado.

Opções	QUESTÃO	CATEGORIA			
		ADULTOS		ADOLESCENTES	
		FREQ.	%	FREQ.	%
a	considerado ora criança, ora adulto.	108	54,0	4	2,0
b	considerado incapaz de tomar decisões.	62	32,0	168	84,0
c	teleguiado pelo adulto.	28	14,0	27	13,5
d	considerado como rebelde pelo adulto.	2	1,0	1	0,5
	TOTAIS	200	100,0	200	100,0

Fonte: Questionário aplicado aos representantes da amostra.

Na medida em que ele é considerado incapaz de tomar decisões, menos oportunidades lhe são concedidas para treinar-se em tomá-las e, conseqüentemente, menos condições terá de decidir-se quanto ao que irá fazer de si mesmo e de projetar-se para uma vida futura mais satisfatória, mais rica e mais plena. E o nosso jovem vai se esvaziando de sua esperança de modificação.

Discutidos os resultados em seus aspectos que considero fundamentais, permito-me formular algumas considerações, a partir da proposição inicial, que orientou a realização deste trabalho.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de retomar a minha proposição, a fim de verificar a sua consecução para formular as considerações finais, e por considerar a adolescência como o início de um processo de descoberta de si mesmo e de busca de um sentido para a vida, transcreverei um excerto do mesmo autor e da mesma obra com que iniciei este trabalho:

“A vida de todo ser humano é um caminho em direção a si mesmo, a tentativa de um caminho, o seguir de um simples rastro. Homem algum chegou a ser completamente ele mesmo, mas todos aspiram a sê-lo, obscuramente alguns, outros mais claramente, cada qual como pode. Cada um deles é um impulso em direção ao ser” (HESSE, apud RODRIGUES, 1976, P. 9).

Até que ponto a compreensão ou a incompreensão dos adultos facilita ou dificulta esse impulso, esse salto qualitativo, que conduz o adolescente ao seu ser? Não estará o adulto, com as suas proibições, atitudes negativas e estereótipos em relação à adolescência, apenas batalhando em defesa e pela preservação dos valores socialmente instituídos?

As respostas aos aspectos assinalados na proposição inicial, acredito, irão, em parte ao encontro destas indagações. E o que não me foi possível atingir com este trabalho, deixarei como pontos de reflexão aos interessados na discussão da problemática da adolescência e como abertura para outros pesquisadores.

A presente pesquisa ensejou-me encontrar alguns pontos de intersecção entre a ótica do adulto e a do adolescente sobre a adolescência, com base nas respostas de maior frequência. As duas categorias de respondentes consideram:

- a adolescência como uma fase da vida muito difícil;
- que o adolescente deve trabalhar, se o seu tempo disponível permitir;
- e que a superproteção dos pais em relação ao filho adolescente é prejudicial, gerando a dependência e a insegurança.

Consegui identificar, também, alguns estereótipos na maneira como o adulto vê a adolescência, o que deforma a percepção deste, em relação a qualquer adolescente. Constituem, pois, do meu ponto de vista, aspectos de uma concepção estereotipada, com base nas respostas de maior frequência, o fato de o adulto considerar, de maneira generalizada:

- a adolescência como uma fase da vida muito difícil;
- o adolescente de hoje mais problemático que o de épocas anteriores;
- as atitudes de rebeldia do adolescente, como o fator que mais dificulta o relacionamento do mesmo com os pais;
- e atribuir ao fato de o adolescente ser considerado ora criança, ora adulto, como o fator que mais deixa o adolescente chateado.

A transmissão de estereótipos sobre a adolescência pelo adulto ao adolescente se evidencia nos momentos em que este considera:

- a adolescência como uma fase da vida muito difícil, identificando a própria posição com a do adulto;
- que o adolescente de hoje é tão problemático quanto o de épocas anteriores;
- que o fato de os pais se colocarem como modelo de perfeição para o filho adolescente gera a falta de diálogo, devido à distância que há entre o perfeito e o imperfeito;
- e que o que mais chateia o adolescente, é o fato de ser considerado incapaz de tomar decisões.

As atitudes e opiniões negativas do adulto e do próprio adolescente se evidenciam em razão de existirem estereótipos, de ambas as partes, em relação à adolescência. Quanto às positivas, constatei que:

- o adolescente se acha capaz de escolher seus cursos, segundo os seus próprios interesses e aptidões;
- o adulto e o adolescente, ao considerarem que este deve trabalhar se o seu tempo disponível o permitir, consideram-no capaz para assumir algum tipo de trabalho;

- ambos consideram que a superproteção é prejudicial, gerando a dependência e a insegurança, o que representa uma crença na possibilidade de o adolescente ser independente e seguro;
- o adulto considera o adolescente como uma pessoa em desenvolvimento, com necessidades próprias à sua idade, e o adolescente se concebe como uma pessoa buscando o seu lugar no mundo; isto representa um melhor conhecimento daquele em relação a este e uma maior consciência de si mesmo pelo adolescente, o que é fundamental para a conquista da maturidade.

A pesquisa revelou alguns indicadores de que o adolescente está tentando se libertar das pressões do adulto e que este está favorecendo essa liberação, ainda que tais indicadores se apresentem, ainda, até certo ponto, implícitos, como nos seguintes momentos:

- um número não muito significativo, mas considerável, de adultos e de adolescentes já considera a adolescência como uma fase da vida como outra qualquer;
- um número considerável de adultos e significativo de adolescentes já passou a ver o adolescente de hoje menos problemático que o de épocas anteriores;
- a acusação feita pelos adolescentes de que a falta de compreensão para com as suas necessidades é o fator que mais dificulta o seu relacionamento com os pais, com a qual corrobora um número significativo de adultos;
- a acusação da superproteção, por ambas as categorias, como fonte geradora de dependência e de insegurança;
- a acusação dos pais que se colocam como modelos de perfeição por ambas as categorias, como geradores de desconfiança e de ansiedade no filho, e de falta de diálogo;
- a acusação dos pais que, sob o pretexto de desejarem conceder mais liberdade ao filho, feita por adultos e adolescentes, bem como daqueles que acham que respeitar o filho é satisfazer a todos os seus desejos; ainda, um número considerável de adolescentes acusa os pais que acham que o filho tem mais deveres do que direitos;
- finalmente, um número muito significativo de adultos considera o adolescente como uma pessoa em desenvolvimento, com necessidades próprias à sua idade, posição que é apoiada por um número considerável de adolescentes; estes, em sua grande maioria, consideram-se como pessoas buscando o seu lugar no mundo, posição que também é sustentada por um número considerável de adultos.

Pelas posições assumidas pelos adolescentes e que foram identificadas pela presente pesquisa, e a despeito de todos os estereótipos, atitudes e opiniões negativas dos adultos que existem em relação à adolescência, estou convicta de que ela representa uma força potencial incomensurável e inesgotável, que poderá ser atualizada construtivamente, em prol de uma sociedade mais humana e mais justa, se nela depositarmos a nossa fé e a nossa esperança. Se continuarmos, nós, os adultos, com os nossos preconceitos e com o nosso rol de preceitos, que mais servem para justificar a estrutura social atual do que para promover a libertação dos condicionamentos que nos foram impingidos, acabaremos por ter milhões de

adolescentes céticos em relação à moral adulta, como Tomás que, com seus 18 anos, faz o seguinte depoimento amargo:

“Não acredito nos valores morais existentes na sociedade atual. As pessoas são todas frágeis, inseguras, subornáveis. Eu quero, para mim, uma nova escala de valores, uma contracultura, onde o homem seja essencialmente mais ele mesmo” (apud RODRIGUES, 1976, p. 111).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 – ALVES, Rubem *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1983.
- 02 – DREVER, James *Dicionário de Psicologia*. Buenos Aires: Ediciones Cepe, 2001.
- 03 – EMEDIATO, Luiz Fernando *Geração abandonada*. São Paulo: Global, 1982.
- 04 – ELKIND, David *As oito idades do homem segundo Erik Erikson*. Diálogo. 1978, 11 (1). p. 3 - 12.
- 05 – FROMM, Erich *Análise do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.
- 06 – ----- *A revolução da esperança*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d.
- 07 – HAVIGHURST, R. *Psicología Social de la adolescencia*. Washington: Unión Panamericana, 1962.
- 08 – HILGARD, Ernest R. e ATKINSON, Richard C. *Introdução à Psicologia*. São Paulo: Nacional, 1979.
- 09 – HOLANDA FERREIRA, A. B. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, s. d.
- 10 – HÜRLOCK, E. B. *Psicología de la adolescencia*. Buenos Aires: Paidós, 1967.
- 12 – MAY, Rollo *O homem à procura de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- 13 – MILLON, Theodore *Teorias da psicopatologia e personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979.
- 14 – MOSS, Allyn Margareth Mead. *No limiar do novo mundo*. São Paulo: Ed. das Américas, 1969.

- d () escolher um curso que lhe garanta, futuramente, sucesso financeiro.
05. Com referência ao trabalho, o adolescente:
- a () deve ter uma ocupação remunerada, enquanto estuda.
 - b () não deve ter uma ocupação remunerada, enquanto estiver estudando.
 - c () deve trabalhar, se o seu tempo disponível o permitir.
 - d () deve trabalhar, se não estudar.
06. A superproteção dos pais ao filho adolescente é:
- a () benéfica, pois torna o adolescente seguro de si.
 - b () prejudicial, gerando a dependência e a insegurança.
 - c () uma atitude de pais inseguros, perante os problemas do dia-a-dia.
 - d () uma atitude de descrença nas possibilidades do filho agir por si.
07. Pais que se colocam como um modelo de perfeição para o filho adolescente são fontes geradoras de:
- a () satisfação para o filho, pois este acredita que seus pais são perfeitos.
 - b () desconfiança, pois todo mundo sabe que ninguém é perfeito.
 - c () ansiedade no filho, que pode desejar ser tão perfeito quanto os pais.
 - d () falta de diálogo, devido à distância que há entre o perfeito e o imperfeito.
08. Atualmente, os pais que têm filhos adolescentes:
- a () dão muita atenção a todos os tipos de necessidade do filho.
 - b () omitem-se ao diálogo, alegando desejar dar liberdade ao filho.
 - c () acham que respeitar o filho é satisfazer a todos os seus desejos.
 - d () acham que o filho tem mais deveres do que direitos.
09. A seu ver, o adolescente é:
- a () um imaturo, que quer passar por “gente grande”.
 - b () um adulto de corpo e criança de espírito.
 - c () uma pessoa em desenvolvimento, com necessidades próprias à sua idade.
 - d () uma pessoa buscando o seu lugar no mundo.
10. O que mais chateia o adolescente é ser:
- a () considerado ora criança, ora adulto.
 - b () considerado incapaz de tomar decisões.
 - c () teleguiado pelo adulto.
 - d () considerado como rebelde pelo adulto.

Grata pela colaboração.
Profª Dra. Janete de Aguirre Bervique